

FABULISTA

À noite, quando o sono começava a aquietar
a alma buliçosa dos meninos,
o velho Pedro reunia todos à sua volta
e contava as mais belas
e arrepiantes histórias de horror.
Poderia ter sido o maior romancista
de Natal, ou Macau, ou Caicó, ou Currais Novos,
não fosse analfabeto.
Todos os meninos, até os mais valentes,
sabiam que não iriam dormir mais uma noite,
depois das histórias do bruxo
da Rua Professor Zuza.
Mas nenhum perdia uma só palavra
dos casos de amofinar coragem.
e todos suspiravam ao mesmo tempo
na pausa estudada que o velho Pedro fazia,
antes de chupar o cachimbo
e soltar baforadas sobre os medos.

O COLÉGIO DA INFÂNCIA

O colégio de padres era infernal.
Rezas, repressões, castigos
e ai de quem cobiçasse
as mangas que perfumavam o quintal.
O padre diretor escrevia
E publicava, sem piedade,
Os piores livros da humanidade.
Do seu púlpito, com voz de castrado,
ele ameaçava a todos
com um Lúcifer, príncipe das trevas,
que jamais sorria em sua danação.
E o padre sorria? Também não.

VISITA AO POETA NO RIO DE JANEIRO

Na Conselheiro Lafayette encontro
um fazendeiro do ar e da poesia.
A sala é arrumada com um verso.
Há, sim, alguns retratos na parede

mas já não doem, a na ser que haja dor
na claridade imensa desse olhar
de Maria Julieta lá no quadro
do gênio Portinari. O fazendeiro

é mito? Não. Nenhum mito é assim
tão simples, mesmo tendo oitenta e quatro
anos de glória, de poesia, de amor

e morte em cada verso. Um universo
está contido em cada gesto dele:
Carlos Drummond. Carlos Drummond de Andrade.

A DOR DA ELEGIA

Todas as elegias são inúteis
como uma lareira sob o vendaval,
como um pacto de amor no sonho que se esvai,
como uma dor que não eleva, apenas dói.
Uma elegia, amigo, não devolve
o essencial do teu olhar sobre as coisas líricas,
o gesto que enlaça a poesia como um abraço,
o calor humano que emanava de ti

e queimava qualquer possibilidade
de desencanto, de desencanto, de desamor.
A elegia que teima em surgir
como uma convidada vestida em roupas soturnas
não recompõe teus passos numa tarde de Natal,
numa segunda-feira de bares fechados
e amigos abertos ao teu lirismo congênito.
Não, a elegia não traz de volta
a tua voz saudando poetas e vinhos,
elegendo poemas, tocando na última esquina
os peitos dormidos de uma casada infiel.
A elegia traz lembranças e as lembranças
são belas mas doem como um soco, um espasmo
que conduz ao infarto do miocárdio.
As lembranças me conduzem, prisioneiro de mãos atadas,
aos primeiros poemas, aos porres inaugurais,
ao vinho bebido, quase pela última vez,
num calçada do Porto, junto à beleza melancólica
dos poetas portugueses.
A elegia não refaz a amizade, não responderá
semanalmente às minhas cartas. Não atende telefone.
Um elegia, meu amigo,
é uma forma de dor que não quero mais para mim.
Melhor é me ferir no gume delicado dos teus versos.

NOVA CANÇÃO DO EXÍLIO

Já cruzei todos os mares,
bebi em todos os bares,
amei cento e dez mulheres,
sem falar em mal-me-queres.
Já seduzi num minuto,
já fui chamado de puto,
andei por vários países,
desvirginei meretrizes.
Em Lisboa, em pleno inverno,
vi o céu e o inferno
nas coxas da namorada
que era bruxa e era fada.
Já fiz doutorado em línguas
com mestra da Califórnia,
verti para dez idiomas
a dura palavra esbórnica.
Tenho estrada, muito chão,
à sombra do Redentor,
cavando o gozo chiado
das cariocas em flor.

Mas que saudades que tenho
da Rua Professor Zuza,
dos assaltos aos maristas,
das turmas de boca suja.

PRELÚDIO E FUGA

Por um triz
não escalei os abismos do teu corpo
como o primeiro homem diante da fuga,
do prelúdio e da certeza de ser um deus.
Por um triz,
imortal e onipotente como um ser amado,
não arremessei as falésias contra o azul do mar
que rugia e desmoronava a nossos pés.
Por um triz,
não fiz dos teus cabelos longos e espessos
o ninho do pássaro de fogo que volta sempre
ao local do beijo, da dança, do acasalamento.
Por um triz,
não me perdi no labirinto do teu sexo
molhado como uma dádiva e nele me afoguei
trinta vezes e mais uma.
Por um triz,
não fiz do teu pranto, do teu grito
a minha veste, a minha culpa, punhal cravado
na palma de minhas mãos.
Por um triz,
Não te amei para sempre, não te levei
para o céu dos amantes, para o gozo infinito
mais, mais, mais adiante.
Por um triz,
não te mostrei os rios de ternura na jusante,
não te levei para a ponte onde Dante
viu Beatriz.